



ANÁLISE DAS RELAÇÕES PARENTAIS SOB O OLHAR DAS CRIANÇAS

Bianca Silva Araujo¹, Daniela de Jesus Bezerra da Silva², Magnólia de Lima Sousa Targino², Ana Cristina Rabelo Loureiro²

Universidade Estadual da Paraíba¹, biancamarques90@hotmail.com, Universidade Estadual da Paraíba², danieladejesus11@gmail.com, magnoliatargino@uol.com.br, anacristinaloureiro1@gmail.com.

Resumo: Nos últimos anos tem-se verificado mudanças significativas nas configurações familiares, considerando o contexto social, cultural e histórico. Percebem-se, também, modificações na maneira como pais e filhos se relacionam, principalmente no que se refere às questões de limite e de autoridade. Essas mudanças implicam em questionamentos sobre a forma como os pais devem se relacionar com seus filhos e geram interesses de vários pesquisadores sobre a influência das relações parentais no desenvolvimento da criança. Alguns estudos indicam que as relações parentais variam de acordo com o contexto histórico, cultural e social e provocam resultados diferentes nos comportamentos dos filhos. Outros estudos, considerando que a criança é um ser ativo, capaz de se posicionar criticamente diante de sua realidade, enfatizam a importância de se analisar o seu ponto de vista sobre o comportamento do adulto, mais especificamente sobre as práticas educativas dos seus pais. Diante do exposto questiona-se: o que as crianças de diferentes idades e classes sociais pensam e sentem sobre as práticas educativas adotadas por seus pais? Quais as práticas educativas e os estilos parentais mais identificados pelas crianças, considerando-se diferentes idades e contextos sociais? O que as crianças de diferentes idades e classe sociais julgam ser fundamental nas relações parentais? Para elucidar essas questões está sendo realizada uma pesquisa com o objetivo de analisar o olhar das crianças, de diversas idades e de diferentes classes sociais, sobre as práticas educativas de seus pais. Os participantes são crianças com a faixa etária variando entre 6 a 12 anos, sendo 40 estudantes de escolas públicas e 40 de escolas privadas, da cidade de Campina Grande-PB. Atualmente, o estudo se encontra na fase de coleta de dados, a qual consiste na aplicação de uma entrevista semiestruturada e de técnicas projetivas. Os dados serão analisados com base na análise de conteúdo bardiniana e no software ALCESTE. Até o momento, os dados parciais da análise de conteúdo, indicam que não há uma diferença na análise das relações parentais, considerando a faixa etária e a classe social das crianças. Predomina a visão de que os pais são predominantemente autoritários e coercitivos. No entanto, as crianças afirmaram que o que mais gostam na relação com seus pais é o carinho, a atenção e o diálogo. Espera-se que os resultados venham contribuir com o aprofundamento e ampliação dos estudos que abordam as relações parentais, esclarecendo o ponto de vista das crianças sobre o tema, fornecendo meios para que os pais reflitam sobre a influência de suas práticas educativas no processo de formação de seus filhos, em diferentes idades e contextos sociais.

Palavras chave: relações parentais, estilos parentais, crianças.

INTRODUÇÃO

O estudo das relações parentais tem sido tema de diferentes pesquisas em diversas áreas de conhecimento, há algumas décadas. Considerando-se a importância do núcleo familiar como a primeira instância social e cultural e como principal modelo para a criança, há que se discutir qualidade das relações familiares e a forma como estas influenciam na formação de valores e crenças para os cidadãos. Ademais, compreendendo que a família é um sistema aberto, faz-se necessário considerar as trocas que esse sistema realiza considerando as



condições econômicas, sociais e culturais da sociedade em que está inserido. Com base nesses aspectos, diversos estudos estão sendo realizados para analisar as práticas educativas utilizadas pelos pais e a sua repercussão no desenvolvimento psicossocial e afetivo da criança e nas tomadas de decisões ao longo da vida.

Fundamentando-se numa perspectiva socioconstrutivista, os estudos de Baumrind (1966, 1971) analisaram os efeitos das práticas educativas no desenvolvimento das crianças, definindo os estilos parentais como um conjunto de comportamentos, atitudes e clima emocional presentes nas relações entre pais e filhos. Esses estilos foram classificados em: 1) estilos permissivos, caracterizados por pouco controle e muita tolerância dos pais, com baixa frequência da utilização de castigos, alta incidência de negligências e aceitação dos impulsos da criança, mas presença de afetividade e comunicação com os filhos, podendo influenciar na insegurança e autoestima dos mesmos; 2) estilo autoritário que implica em muito controle e exigência por parte dos pais, com baixa afetividade, pouco cuidado e comunicação, fazendo uso de castigos físicos, ameaças e punições, não levando em consideração as necessidades de opiniões das crianças, podendo impedir que estas desenvolvam discernimento entre o certo e errado; 3) estilo autoritativo, identificado pelo conjunto de práticas educativas que são adotadas de maneira racional e orientada, com equilíbrio entre afeto e controle, respeitando a individualidade dos filhos por meio do incentivo ao diálogo e da adoção de posições firmes diante das atitudes negligentes das crianças, deixando claras normas e limites, fundamentando-se nos respeito mútuo, podendo promover melhores condições de segurança e de autonomia da criança.

A tipologia apresentada por Baumrind foi reformulada por Mac Colby e Martin (1983) que propuseram o desmembramento do estilo permissivo em indulgente e negligente acentuando a combinação entre o controle e o afeto. O estilo indulgente é caracterizado por uma relação parental com pouco controle e muita afetividade, enquanto o negligente é identificado por atitudes paternas e maternas permissivas e indiferentes, com baixo grau de controle e afeto para com os filhos. As relações parentais autoritárias caracterizam-se por excesso de controle e baixa afetividade, enquanto que as autoritativas são identificadas pela combinação entre o controle, a afetividade e o diálogo com seus filhos.

Seguindo a perspectiva piagetiana e reconhecendo a importância das relações parentais no desenvolvimento socioafetivo da criança, Hoffman (1975) distingue dois tipos predominantes de estratégias educativas: 1) as indutivas que se caracterizam pelo controle indireto, com a utilização de explicações e negociações, visando à compreensão e a reflexão



das crianças sobre as consequências do seu comportamento em relação às outras pessoas e a internalização de padrões morais como a empatia; 2) as estratégias coercitivas caracterizam-se pela aplicação direta da força, do controle, da imposição, incluindo a punição física, a privação de privilégios e afetos, como também o uso de ameaças, provocando limitações para o desenvolvimento da autonomia da criança, pois a motivação para agir de determinada maneira pode ser influenciada pelo medo do castigo.

Há que se destacar diferenças entre autores no que se refere à utilização dos termos estilos parentais, estratégias e práticas educativas. As estratégias e práticas educativas referem-se ao processo de socialização estabelecido entre pais e filhos, através de controle e afetividade assumidos por eles, com a função de comunicar o que eles querem que seja modificado no comportamento da criança, envolvendo questões relativas à hierarquia, disciplina e tomada de decisão (ALVARENGA & PICCININI, 2001; PATIAS, DIAS & SIQUEIRA, 2012). Os estilos parentais são identificados por Weber (2007) como o conjunto de práticas educativas utilizadas pelos pais, considerando-se os comportamentos, as atitudes e o clima emocional existente na relação com os filhos. Patias, Siqueira e Dias (2013) destacam que na diferenciação entre os estilos parentais e as práticas educativas, devem-se considerar os aspectos globais das interações, considerando o contexto afetivo em que estas ocorrem.

As relações parentais também têm sido analisadas a partir da influência das crenças e valores sobre as práticas educativas adotadas com as crianças, considerando um determinado momento histórico, econômico, social e cultural. Compreende-se que o modo de vida da população influencia diretamente na construção dos costumes diários, dos hábitos e das práticas sociais (HARKNESSE & SUPER, 1996).

Outro aspecto relevante em relação a esse tema são os estudos voltados para analisar os efeitos das práticas educativas para o desenvolvimento das crianças. Por meio de análise bibliográfica Patias, Siqueira e Dias (2012), identificam pesquisas que correlacionam o efeito negativo das práticas educativas coercitivas para desenvolvimento de crianças e adolescentes, especificamente no ambiente escolar, onde se evidenciam comportamentos agressivos e baixa autoestima nesses sujeitos. Ademais, foi possível verificar que as práticas educativas coercitivas são socialmente compartilhadas e naturalmente aceitas pelas famílias. O referido estudo também abordou resultados de pesquisas referentes aos efeitos do uso da palmada no processo de formação da criança, cujos resultados indicam que crianças tratadas com agressividade, tornam-se vulneráveis e propensas a juntarem-se com grupos desviantes.



O estudo de Carmo e Alvarenga (2012) pesquisou a relação entre o nível socioeconômico das mães e as práticas educativas adotadas por estas, considerando fatores como a escolaridade e crenças das mães. Os resultados indicam que embora os escores de punição física e verbal tenham sido sutilmente maiores nas mães nível socioeconômico baixo do que nas de nível socioeconômico médio, é percebido que ambas atuam de forma coercitiva. Contudo, se verificou que há uma correlação estatisticamente significativa entre a prática de punição física e a baixa escolaridade.

O estudo de Toni e Hecaveí (2014) pesquisou a relação entre práticas educativas parentais e o nível de rendimento acadêmico em crianças. Utilizando Inventário de Estilos Parentais de Gomide (2006), os pesquisadores avaliaram as médias das práticas educativas dos pais. Esta avaliação foi correlacionada com as notas escolares dos filhos e os resultados indicaram diferenças significativas entre as médias acadêmicas dos filhos cujas práticas parentais (principalmente das mães) eram fundamentadas no diálogo e as médias acadêmicas dos filhos, cujas práticas parentais foram fundamentadas na punição, na ausência de afeto e de diálogo. Médias mais elevadas de práticas educativas foram diretamente relacionadas com os melhores escores acadêmicos dos filhos.

Ainda na perspectiva de analisar a contingência das práticas parentais aos comportamentos dos filhos, o estudo de Bolsoni-Silva e Loureiro (2011) objetivou comparar práticas educativas parentais e comportamentos de crianças de diferentes grupos: um clínico/com problema de comportamento e outro, não clínico/sem problema de comportamento, obtendo os seguintes resultados: os pais das crianças do grupo não clínico, demonstraram maior comunicação e afeto com seus filhos e esses, por sua vez, apresentaram maior variabilidade de habilidades sociais; quando os pais do grupo não clínico estabeleceram limites, as crianças pareceram entender o limite e mudar na direção esperada pelas mães, fato que não foi verificado nas crianças do grupo clínico; as crianças do grupo clínico compreenderam serem erradas atitudes como, bater, gritar e punir. No entanto, os pais do grupo clínico, por vezes, não demonstram clareza sobre a forma de atuar diante de um comportamento conflituoso, indicando uma falta de repertório de atitudes alternativas à agressão.

Fundamentando-se nas contribuições teóricas da Sociologia da Infância (CORSAO, 2009; SARMENTO, 2008), assume-se a visão de que a criança é um ator social, capaz de analisar criticamente as suas experiências, refletir sobre sua realidade e produzir cultura. Defende-se, portanto, que as concepções das crianças sobre as relações parentais estão diretamente relacionadas às práticas educativas e aos estilos parentais adotados pelos seus



pais. Nessa perspectiva, questiona-se: o que as crianças de diferentes idades e classes sociais pensam e sentem sobre as práticas educativas adotadas por seus pais? Quais as práticas educativas e os estilos parentais mais identificados pelas crianças, considerando-se diferentes idades e contextos sociais? O que as crianças de diferentes idades e classe sociais julgam ser fundamental nas relações parentais?

Tais questões se tornam mais relevantes a partir dos estudos que foram realizados por Loureiro e Santos (2016), com o objetivo de analisar o olhar das crianças de 6 a 9 anos, estudantes de escolas fundamentais da rede pública, na cidade de Campina Grande- PB. Os resultados indicaram que as crianças percebem seus pais como figuras de autoridade, os quais utilizam, predominantemente, práticas educativas coercitivas, caracterizadas pelo uso de palmadas, espancamentos, pela falta de diálogo, bem como pela imposição e o controle excessivo dos comportamentos dos filhos (PIBIC/UEPB - COTA 2015-2016).

Diante do contexto teórico e empírico citado acima, o objetivo desta pesquisa é analisar o olhar das crianças entre 6 a 12 anos sobre as relações parentais nas escolas públicas e privadas da cidade de Campina Grande-PB. Pretende-se especificamente, caracterizar os tipos de estilos parentais predominantes nas famílias, de acordo com a visão das crianças, em diferentes idades e contextos sociais, identificando as práticas educativas mais frequentemente utilizadas pelas mães e pelos pais dessas crianças.

Estima-se que os resultados possam corroborar aqueles resultados obtidos em outros estudos e reiterar a importância de se analisar as relações parentais, a partir das diferenças sociais e culturais, reconhecendo-se a necessidade de se considerar o ponto de vista de todos os agentes envolvidos nesse processo, inclusive a criança. Vislumbra-se também que os resultados dos estudos realizados possam contribuir para uma maior reflexão dos pais sobre os efeitos de suas práticas educativas na formação de seus filhos, incentivando-os a estabelecer relações parentais mais efetivas e dialógicas.

METODOLOGIA

Considerando os objetivos deste estudo, optou-se pela realização de uma pesquisa de campo, do tipo descritiva, a qual, segundo Minayo (1994), não se reduz a operacionalização de variáveis, mas trabalha com significados, motivos, crenças e valores dos participantes, buscando aprofundar o universo das relações dos fenômenos e dos processos sociais.



Por uma questão de conveniência, foi escolhido como local da pesquisa escolas de nível fundamental, considerando que lá, há uma maior facilidade de se encontrar um grande número de crianças em horários pré-estabelecidos. Foram contempladas escolas públicas e privadas por causa dos objetivos da pesquisa que, dentre outros aspectos, buscam analisar as possíveis diferenças de olhares das crianças, considerando suas condições sociais. A escolha das escolas, portanto seguiu o critério de disponibilidade e de nível socioeconômico dos estudantes.

Participaram da pesquisa 80 crianças, sendo que 40 foram de escolas públicas e 40, de escolas privadas. A idade das crianças variou entre seis a doze anos, não havendo qualquer discriminação entre meninos e meninas, seguindo-se o critério aleatório de escolha das crianças, dependendo da aceitação para realizar a entrevista, com a devida autorização dos pais. A maioria dos participantes mora com os pais, sendo que há um número significativo de famílias com pais separados. O nível de formação dos pais das escolas públicas é, prioritariamente o ensino fundamental incompleto, enquanto que os pais das crianças das escolas privadas, possuem nível superior completo. Em relação às condições socioeconômicas, a faixa salarial das famílias das crianças de escolas públicas é de um salário mínimo, enquanto que a das crianças de escola privada é, em média, de cinco salários mínimos.

Para coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestrutura, contendo perguntas relativas às relações sócioafetivas estabelecidas entre pais e filhos, sobre as atitudes dos pais diante dos comportamentos socialmente inadequados dos filhos e sobre a opinião das crianças em relação às atitudes que os pais deveriam assumir quando elas não fazem o que eles pedem. Entretanto, ressalta-se que as questões utilizadas foram apenas norteadoras, pois se procurou respeitar o ponto de vista das crianças, dentro de uma relação dialógica, conferindo um caráter de conversa, uma vez que ambos (criança e pesquisadora) constroem o corpus da pesquisa, conforme argumento de Delgado e Müller (2008). Ademais, seguiu-se a ideia de Kramer (2008) de que a entrevista não é um mero instrumento, mas uma forma de conhecimento. Note-se que antes da realização das entrevistas, ocorreram encontros com as crianças, com atividades lúdicas, buscando facilitar a aproximação entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa, seguindo o princípio da estratégia reativa, utilizado por Corsaro (2009).

Anteriormente a coleta de dados o projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da RESOLUÇÃO 466/2012.



Após a realização de um pré-teste as entrevistas foram realizadas na escola, em local cedido pela direção, individualmente e gravadas, com duração média de 10 minutos. Todo esse processo ocorreu após o consentimento dos pais e suas respectivas assinaturas do TCLEs. Considerando que a fase de coleta de dados ainda não foi concluída, os dados parciais estão sendo analisados por meio da análise de conteúdo de Bardin (2009), de acordo com as seguintes etapas: pré-análise, exploração de material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação do pesquisador.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O primeiro aspecto a ser destacado nos dados parciais é que não se evidenciou diferenças significativas das respostas das crianças em relação às diferentes faixas etárias e às diferentes classes sociais.

Os resultados parciais, obtidos com as crianças de 6 a 9 anos, das escolas particulares, e de 9 a 12 anos nas escolas públicas indicaram que há uma supervalorização da companhia, das atividades lúdicas e do carinho que é dado tanto pelo pai quanto pela mãe, não se percebendo diferença entre as faixas etárias. Por outro lado, as crianças apontaram que o que menos gostam tanto no pai quanto na mãe, impreterivelmente, são as broncas, brigas e o castigo que recebem. Tais dados podem indicar que as crianças possuem a nítida noção de suas reais necessidades na relação parental, pois, de acordo com os estudos de Baumrind (1991), Weber (2007) e Gomide (2006), a afetividade e a orientação dos pais exercem um papel determinante no processo de desenvolvimento sociomoral da criança.

A grande maioria dos participantes relatou que conversa com seus pais, principalmente, sobre os acontecimentos escolares, as notas e a rotina da escola. De modo geral, as crianças afirmaram que os pais param para ouvi-las, mas a mãe é a que mais presta atenção.

Os resultados parciais indicam também que as práticas educativas mais utilizadas pelos pais quando as crianças não fazem o que eles pedem é o castigo e o espancamento. No entanto, os resultados indicam que de acordo com a maioria das crianças, os pais deveriam utilizar o castigo quando elas não fazem o que eles pedem. Tais resultados corroboram os apresentados por Weber, Viezzer e Brandenburg (2004), os quais apresentam altas frequências de práticas educativas coercitivas dos pais de crianças de escolas públicas e privadas, da cidade de Curitiba/PR. Estas práticas se caracterizam pela utilização do castigo e da punição física. O estudo bibliográfico de Pattias, Siqueira e Dias (2012; 2013) apresenta



resultados de pesquisas realizadas no Brasil que associam as práticas educativas coercitivas com o desenvolvimento de comportamentos agressivos e baixa autoestima de crianças e adolescentes, constituindo-se em risco ao desenvolvimento saudável. Note-se que nas pesquisas citadas acima, verificou-se que as práticas coercitivas caracterizadas pelo uso do castigo e da punição física, são compartilhadas socialmente e consideradas naturais pelas famílias, não havendo, muitas vezes, o conhecimento de outras formas de educar.

Finalmente, destaca-se, aqui, que os dados parciais obtidos não indicam diferença significativa entre os olhares das crianças de diferentes classes sociais e diferentes idades. Esses resultados, quando comparados com os obtidos na pesquisa de Loureiro e Santos (2016), reitera a ideia de que independentemente da classe social e do nível de formação dos pais, há uma tendência predominante do estilo autoritário nas relações parentais, com a utilização de práticas coercitivas como o castigo, o espancamento e a ausência de diálogo. Tais resultados vão de encontro aos achados nos estudos de Bem e Wagner (2006), Mondin (2008) e Carmo e Alvarenga (2012), os quais indicam uma correlação significativa entre o uso de estratégias coercitivas, o nível sócio econômico dos pais e o nível de escolaridade. No entanto, esses autores argumentam sobre a necessidade de se analisar também o contexto cultural no qual os pais estão inseridos, para que se compreenda melhor os valores que orientam suas práticas.

CONCLUSÕES

O objetivo foi analisar o olhar das crianças sobre as relações parentais. Considerando que o processo de coleta de dados ainda não foi concluído, os resultados parciais aqui apresentados, indicam que as crianças, independentemente de faixa etária e de classe social, indicam que o estilo predominante de pais é o autoritário, caracterizado pelo conjunto de práticas coercitivas como o castigo e o espancamento, com forte tendência à imposição de regras, ausência de diálogo para manter o controle dos comportamentos dos filhos. Esses resultados corroboram aqueles de pesquisas que vêm sendo realizadas aqui no Brasil e no exterior, indicando que, apesar dos efeitos negativos para o desenvolvimento socioafetivo de crianças e adolescentes, os pais, predominantemente, exercem uma atitude autoritária como forma de controlar os comportamentos de seus filhos.

Outro aspecto relevante que os dados parciais indicam, refere-se à capacidade da criança elaborar seus próprios juízos de valores sobre a sua realidade circundante,



especificamente em relação às relações socioafetivas desenvolvidas com seus pais. Pontuam-se, aqui os estudos da sociologia da infância e da psicologia (Corsaro, 2005; Delgado e Müller, 2008; Baumrind, 1966; 1971; Hoffman, 1990) que defendem a eficácia da pesquisa com crianças, considerando-as sujeitos ativos, criativos e críticos. Ouvir a criança, abrir espaço para que se reconheçam suas capacidades, pode contribuir para que as posturas adultocêntricas diminuam e, por conseguinte, as relações autoritárias.

Enfatiza-se que, nos resultados parciais, as crianças indicam a necessidade de carinho, companhia, diálogo e orientação de seus pais. Ainda que de forma intuitiva, verifica-se que o olhar as crianças corrobora os resultados obtidos em pesquisa, apontando a correlação direta entre atitudes de diálogo, orientação e afeto dos pais e desenvolvimento de autoestima, habilidades sociais e autonomia dos filhos. Dessa forma, é possível afirmar que as crianças são capazes de identificar as suas necessidades e a melhor forma para conviver com seus pais.

Espera-se que os resultados finais oriundos desta pesquisa, possam contribuir para analisar melhor a influência da educação para a formação de um sujeito autônomo, crítico e consciente da sua cidadania. Além do mais, se espera sensibilizar os pais para que estes escutem seus filhos e reflitam sobre suas relações parentais, a partir do ponto de vista dos mesmos. Finalmente, espera-se que este estudo fomente novos questionamentos e incentive o desenvolvimento de novas pesquisas que valorizem o olhar da criança e a importância das relações parentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, P. & PICCININI, C. A. **Práticas educativas maternas e indicadores do desenvolvimento social no terceiro ano de vida.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2009; 22(2), p.191-199.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAUMRIND D. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child Development.** 1966; 37(4): 887-907. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/1126611>.

BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. **Developmental Psychology Monographs**, v. 4, n. 1, p. 2, 1971.



BEM, L.A. de, WAGNER, A.. **Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 1, p. 63-71, jan./abr. 2006.

BOLSONI-SILVA, A.T; MATURANO, M. E. & LOUREIRO, S. R. **Estudos de Confiabilidade e Validade do Questionário de Respostas Socialmente Habilidosas Versão Pais. QRSH- Pais.** Psicologia: Reflexão & Crítica, v.24, n.2, 2011.

CARMO, P.H.B do, ALVARENGA, P. **Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos.** Estudos de Psicologia, maio-agosto/2012; 17(2), p.191-197.

CORSARO, W. A. **Entrada no Campo, Aceitação e Natureza da Participação nos Estudos** -464, Maio/Ago, 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

CORSARO, W. A. Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. **Teoria e Prática na Pesquisa com as Crianças.** São Paulo: Cortez, 2009, p. 31-50.

DELGADO, A. C.C; MÜLLER, F. **Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas.** Cadernos de Pesquisa, 2005; v. 35, n. 125, p. 161-179, maio/ago.

GOMIDE, P. I. **Inventário de estilos parentais – IEP: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

HARKNESS, S., & SUPER, C. M. Introduction. In S. Harkness & C. M. Super (Eds.), *Parents' cultural beliefs systems: Their origins expressions, and consequences* (pp. 1-23). New York: The Guilford Press, 1996.

HOFFMAN, M, L. Moralinternalization, parent power, and nature of parent-child interaction. **Developmental Psychology**, 1975; 11, 228-239.

KRAMER, S. **Crianças e adultos em diferentes contextos – desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação.** In: Estudos da Infância: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008, 17-39.

LOUREIRO, A. C. R. & SANTOS, D. P. B. de P. **Relações Parentais Sob o Olhar das Crianças: uma análise das práticas educativas.** Pesquisa de PIBIC. Universidade Estadual da Paraíba- UEPB- PB, 2016 (em andamento).



MACCOBY E.E, MARTIN J. A. **Socialization in the context of the family: Parent - child interaction.** In: Hetherington E M, editor. Mussen manual of child psychology. 4th ed. New York: Wiley; 1983. p. 1-102.

MINAYO, M.C.S. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

MONDIN, E. M.C. **Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos.** Psicologia e Argumento. 26(54), p.233-244, jul./set. 2008.

MONTADON, C. **As práticas educativas parentais e a experiência das crianças.** Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 485-507, Maio/Ago. 2005.

PATIAS, N.D., SIQUEIRA, A.C., DIAS, A.C.G. **Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 04, p. 981-996, out./dez. 2012.

PATIAS, N. D.; SIQUEIRA, C.; DIAS, A. C.. **Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos.** Mudanças – Psicologia da Saúde, vol.21, nº1, Jan-Jun 2013, 29-40p.

SARMENTO, M.J. **Sociologia da Infância: Correntes e Confluências.** In: Estudos da Infância: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008, 17-39.

TONI, Caroline Guisante de Salvo. HECAVEÍ, Vanessa Aparecida. **Relações entre práticas educativas parentais e o rendimento acadêmico em crianças.** Psico-USF, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 511-521, set./dez. 2014.

WEBER, L. **Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites.** 2ª ed. Revista e atualizada. Curitiba: Juruá, 2007.

WEBER, L. N. D. PRADO, P. M. ;VIEZZER, A. P. BRANDENBURG, O J. **Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, 17 (3), pp- 323-331.